

ENTRE CONTOS E ESCUTAS: TRADIÇÃO, ORALIDADE E MEMÓRIA¹

Marivaldo Aparecido de Carvalho, PPGSaSA/PPGER, UFVJM/MG Brasil

Rosana Passos Cambraia, PPGSaSA/PPGER, UFVJM/MG Brasil

Palavras-chave: Contos; Memórias; Tradições.

INTRODUÇÃO

As reflexões aqui elaboradas são frutos de pesquisa junto ao PPGSaSA (Programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente da UFVJM) e ao PPGER (Programa de Estudos Rurais da UFVJM). Temos como meta neste trabalho demonstrar como os contos tradicionais representam formas de tradição para uma dada comunidade. Os contos transmitem ensinamentos que guiam e organizam o modo de vida da comunidade. Os contos educam, pois transmitem ensinamentos formulados oralmente por pessoas que as comunidades consideram como portadoras de uma tradição. que possuem na fala uma forma valorativa de criar acordos, transmitir conselhos e conhecimentos. Para as culturas tradicionais e populares este vínculo se alicerça nos preceitos religiosos que conduzem a uma formulação ética que se alicerça na tradição, ou seja, no modo que os antigos tempos vividos exigiam das pessoas em seu trato social com a vida (seja de humanos ou não humanos). Os dados aqui analisados são oriundos de pesquisas em comunidades rurais do nordeste e sul de Minas Gerais. A vitalidade cultural dos contos enquanto tradição possibilita analisar e pensar os processos de mudança sociais e suas resistências que estruturam as ideias de tradição popular. Os contos representam experiências sobre o viver os seus desafios, que precisam ser repassadas para as novas gerações. Momento que o conto assume o papel de retraduzir o real vivido numa linguagem que contempla o lúdico, que contempla os momentos mais íntimos de uma família ou grupos sociais, é o momento que a comunidade reflete de forma “teórica”, ou seja, através de elaborações de ideias que são apresentadas de forma metafórica nas narrações.

DESENVOLVIMENTO

Em seu livro “O grande massacre dos gatos” Darnton (2011) demonstra que os contos refletem uma vida dura, fome, doenças e a desigualdade sentida pela comunidade em sua

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

lida pela vida. Os contos, segundo Darnton, são sinalizadores catalisadores de uma situação social, não são elementos de fuga, mas instrumentos educativos e discursivos sobre a situação da vida que se vive.

As famílias dos camponeses não podiam sobreviver, no Antigo Regime, a menos que todos trabalhassem, e trabalhassem juntos, como uma unidade econômica. Os contos populares mostram, constantemente, pais trabalhando nos campos, enquanto os filhos recolhem madeira, guardam as ovelhas, pegam água, tecem lã, ou mendigam. Longe de condenarem a exploração do trabalho infantil, ficam indignados quando não ocorre. (Darnton, 2011, p.54)

Neste sentido os contos representam experiências sobre o viver os seus desafios, experiência que precisa ser repassada para as novas gerações. É neste momento que o conto assume o papel de retraduzir o real vivido numa linguagem que contempla o lúdico, que contempla os momentos mais íntimos de uma família ou grupos sociais, é o momento que a comunidade reflete de forma “teórica”, ou seja, através de elaborações de ideias que são apresentadas de forma metafórica nas narrações em torno do fogo em rodas de conversa, nas cabanas dos camponeses, durante as noites de inverno, “as histórias pertencem sempre a um fundo de cultura popular, que os camponeses foram acumulando através dos séculos, com perdas notavelmente pequenas.” (IDEM, p.32). As histórias são boas para pensar.

Ao lermos Poel (2018) compreendemos que as maneiras de manifestar um saber são também uma maneira de manifestar formas de resistência cultural ou uma afirmação cultural valorativa de um modo de vida. Poel (conhecido como Frei Chico), demonstra que a cultura popular também realiza suas críticas sobre o conhecimento dominante, compreendendo o saber popular/tradicional como fundamental para a formação de comunidades rurais tradicionais, assim como comunidades pobres de origem urbana que buscam nestes saberes formas comunitárias de resistência e manutenção de suas vidas, que envolvem construções sociais e culturais de aspectos materiais e espirituais. Saber e experiência se vinculam neste sentido os relatos de contos, aceito como saberes que reforçam os o modo de vida da comunidade, um patrimônio.

Em nossas pesquisas de campo observamos que certos contos, mesmo que muito antigos, ainda buscam manifestar uma memória de vida que serviu de modelo para seus

moradores/as. Como demonstra a narração de uma moradora de Aiuruoca, no sul de Minas Gerais, falecida, sobre a “mãe de ouro”.

Alguns contos e seus sentidos.

“A minha mãe contava que a ‘Mandiouro’ brincava com uma menina, né. A pobre da menina era muda. Só enxergava né, mas era muda.

Aí falavam que entrava bastante gente, aí o povo, não entende essa parte da menina ser muda, brincar com dor, né. Aí eles mandavam levar toalha, bacia, uma vela, pra poder, às vezes, segurar, a Mandiouro, né. A Mandiouro tava vendo que ela (menina) tava ficando ativa, aí a Mandiouro num brincou mais com ela não.

Cê acredita que outro dia, acho que a Mandiouro atravessou aqui? Travessou foi na hora que havia festa. Nós tava na missa, quando chegou pra baixo do colégio foi aquele negócio assim na frente. Avião num era porque num tava fazendo barulho de avião, sabe? Num tava fazendo barulho de avião não. Mas tava aquela tocha de fogo assim, que acendia e apagava. Diz que a Mandiouro, diz que é uma minina bem branquinha, né? Que é uma minina bem branquinha. Diz que é uma minina assim bunita, de cabelo comprido. Que é muito bunita.”

No meio da narração a moradora pede licença para verificar sua galinha:

“Eu vou lá pegar minha galinha. Tinha uma galinha fechada lá. Eu venho cá contar procê. Eu vou lá ver a galinha primeiro, viu? Eu já venho. Ela tá cumendo ovo. Ela tá botando e comendo. Então tem que se olhar na hora. Vim lá e ficá vindo. Ficá vindo.”

Como demonstra o exemplo acima citado, em meio a narração observamos a narradora preocupada com seu ovo, alimento, e com a criação de sua galinha. E o próprio conto relata a expressão: “brincar com dor” e que a criança era muda, ou seja, formas de sofrimento. Neste sentido, quando ouvimos essa narração não entramos num mundo distante do vivido pela narradora, ela conta que viu a “Mandiouro” e disse que não era avião, de certa maneira ela narra o que pode ver, ou sentir como algo vivido.

Outro narrador morador de Itamarandiba (MG) nos narra um conto que para ele é real.

“Olha, história que eu nunca esqueci, é uma história que meu pai sempre contava. É uma história que a avó dele morava sozinha, e diz ele que nessa casa lá, apareceu um negócio lá. Eles falam que é o capeta, né? Aí eles falam que é o capeta batizado, e tudo. E a pobre da mulher vivia aborrecida demais com a tentação que ela fazia. Que era ir dando a tarde

e começava subir pro telhado e jogar coisa dentro de casa, e fazia a maior bagunça dentro da casa. E elas rezava, e quando começava a rezar ele ajudava. E aquela tentação, e aquela tentação... Aí ela gostava muito de pescar e ela tinha um canivete que ela tinha o maior ciúme do tal canivete. Aí ele era banhado a ouro assim, por fora. Mas muito lindo o danado do canivete! E era o canivete dela cortar as iscas pra por no anzol. Aí ela pegava, e sempre tinha um pau na casa assim, só que o pau tinha um ôco, e ela colocava o canivete lá. Mas um dia o canivete escapou e bateu lá. E ela entristeceu! Além da tentação de todo dia daquele bicho, aí ela perde o canivete. Aí que ela ficou mais triste! Aí um dia ele pegou atentando, atentando e atentando. Aí ela pegou e sentiu tal coisa, que pegou e falou assim: ‘- do tempo que você tá pegando e me atentando aqui, porque que ocê num pega meu canivete que caiu naquele coisa ali?’”. Aí ela só viu ele enfiando aquele mãozão assim óh, e catou o canivete e entregou pra ela. Aí ela pegou o canivete e a tentação continuou do mesmo jeito. Aí por fim, foi um padre lá e eles contaram o que tava acontecendo, aí o padre pegou e falou: é, tem que benzer com água benta, né? Aí pegou e jogou água benta nos quatro cantos da casa, aí diz que nesse dia, depois que o padre saiu, esse troço deu um estouro lá e desapareceu. Aí acabou o sofrimento da tentação do bicho. Meu pai sempre contava isso aí e eu ficava escutando. E a gente guarda, né? Dá medo na gente também.

Este conto também relata as condições de vida, a situação sofrida e envolve diretamente um instrumento de trabalho (canivete) e uma atividade que visa o alimento, a pesca.

Outro conto que podemos pensar como um relato também demonstra como a cultura popular significa as coisas: seja uma pedra, seja um ramo, seja uma oração. Este conto foi publicado no livro: Helena e o tempo dos contos da editora UFVJM, a narradora e a Dona Helena moradora de São Gonçalo do Rio das Pedras, Serro Minas Gerais. Como trabalho de extensão com apoio da FAPEMIG:

Então, a cruz é como eu já falei... Ela... minha vó e meu pai e minha mãe, sempre falava porque naquele tempo que as pessoas viajava muito, a pé... Então diz que vinha essa dona, viajando, acho que de Diamantina pra cá, num era conhecida aqui não! Diz que envinha, porque naquele tempo viajava muita gente de fora, aí diz que ela chegou nessa altura aí, pra cima da ponte, com certeza, as vez com fome, ou já cansada, ou a vez doente. Diz que ela caiu aí e mor- reu! Foi achada morta!

Aí o pessoal fizeram o enterro dela. E colocaram a cruzinha dela, e sempre todos que passava lá colocava uma pedra, acho que é homenagem à alma dela, sabe? Porque morreu

assim, num estado triste, na estrada, as vez com fome, com sede, né? As vez ela tava doente, cansada... Morreu! Então todos que passava pegava uma pedra e colocava, eu lembro da minha vó pegando pedra, da minha tia. A gente ia na Diamantina a pé também, muitas vezes, ocasião de natal tudo a gente ia a pé pra Diamantina. Então eu lembro da gente envinha, ali perto, pra cima da ponte, ela panhava uma pedrazinha redonda e punha. Nem sabia o nome da dona, punha lá, uma vela lá. Morreu e pronto!

A pessoa naquele tempo saía assim sem destino, num tinha documento, num tinha nada... uma vida assim, muito triste, porque como ela morreu na estrada, né? Num ficou sem enterrar que o pessoal do lugar enterrou ela. E sempre colocou a cruz, como é obrigação, e punha as pedra, outra hora um ramo em homenagem a ela. É como se fosse uma oração, né?

CONCLUSÃO

Acreditamos que estes contos aqui apresentados demonstram um modelo educativo e uma maneira de se pensar a vida e suas circunstâncias. A cruz, que vemos em estradas asfaltadas indicando que houve morte por atropelamento, ou acidentes entre veículos, são expressões tradicionais, que se mantiveram como forma de respeitar a morte de pessoas que conhecemos ou não, no relato, Dona Helena, expressa a condição social da senhora que morreu só, com fome, andando a pé pelo mundo, em busca de algo, seja trabalho, comida, um lugar.

A cruz, as pedras, os ramos, este encontro de elementos não humanos para traduzir uma dor humana demonstra o que se pode fazer para criar significados, ou ressignificar coisas como sagradas. Ouvimos em outros relatos que os ramos são formas de “refrescar a alma” e as pedras redondas materializam orações.

Ainda no que se refere as cruzeiras das estradas, durante a pavimentação da estrada que entre São Gonçalo do Rio das Pedras e Diamantina, se respeitou as velhas cruzeiras, que se encontram pela estrada, elas foram até mudadas de posição mas foram mantidas. No Bairro da Pedra em Aiuruoca, Sul de Minas Gerais, conhecemos uma cruz que tem mais de 50 anos. E no mês de maio se comemora o dia da Santa Cruz, onde as cruzeiras são enfeitadas, demonstrando assim a tradição da Cruz, também como um elemento identificador de uma prática religiosa que valoriza o modo de ser da comunidade.



Figura 1- Foto Cruz no Bairro da Pedra de Aiuruoca Sul de MG. Foto Marivaldo A de Carvalho.

BIBLIOGRAFIA

Darnton, R. O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa. São Paulo: Editora Graal, 2011.

Poel, F.V.D Com Deus me deito e com Deus me levanto. São Paulo: Paulus, 2018.

Garcia, Olga Cabrera & Scaramal, Eliesse. Saber e cultura na família rural.

In: (Re)introduzindo história oral no Brasil. Org. Meihy, J.C.S. São Paulo: Xamã, 1996.

Torres, Helena Siqueira. Helena e o tempo dos contos. Org. Carvalho, M.A. 2ª edição, Diamantina: UFVJM, 2023, 93p.